CONTOS

THOMAS MANN

CONTOS

Tradução de
Sara Seruya
Maria Manuela Pena Gomes
Maria Lin de Sousa Moniz
Teresa Seruya

BERTRAND EDITORA
Lisboa 2013

DESILUSÃO

Confesso que as palavras deste singular cavalheiro me perturbaram profundamente e temo que, também agora, ainda não me encontre em condições de as repetir de modo a impressionar os outros da mesma forma que me impressionaram a mim próprio naquela tarde. Talvez o seu efeito resulte apenas da singular franqueza com que uma pessoa totalmente estranha as proferiu perante mim...

A manhã de outono, em que aquele desconhecido me chamou a atenção pela primeira vez na Piazza San Marco, situa-se cerca de dois meses atrás. Pela ampla praça deambulavam apenas umas quantas pessoas mas, diante da maravilhosa construção cheia de cor, cujos sumptuosos e fabulosos contornos e adornos dourados se elevavam com encantadora nitidez num céu ameno, azul-claro, drapejavam as bandeiras na brisa suave; mesmo em frente da entrada principal, tinha-se juntado um colossal bando de pombos em volta de uma rapariga que atirava milho, enquanto chegavam, disparados, cada vez mais de todos os lados... Um panorama de uma beleza incomparavelmente luminosa e festiva.

Foi então que o encontrei e, enquanto escrevo, tenho-o diante dos olhos com extraordinária nitidez. Não era bem de estatura média e andava depressa e curvado enquanto segurava a bengala com ambas as mãos, atrás das costas. Trazia um chapéu de coco preto, sobretudo claro de verão e calças de riscas escuras. Por qualquer motivo, tomei-o por inglês. Podia ter trinta anos de idade, talvez também cinquenta. O rosto, com um nariz um pouco largo e olhos cinzentos, de expressão cansada, estava escanhoado e, em torno da

boca, pairava constantemente um sorriso inexplicável e um pouco imbecil. Só de tempos a tempos olhava, perscrutador, à sua volta, de sobrolho levantado, e de novo olhava para o chão, proferia umas quantas palavras para si próprio, abanava a cabeça e sorria. Assim andava pela praça, persistentemente, de um lado para o outro.

A partir de então, passei a observá-lo todos os dias, pois ele parecia não se ocupar com outra coisa que não fosse, quer com bom quer com mau tempo, tanto de manhã como de tarde, passear de um lado para o outro, trinta e cinquenta vezes, na Piazza, sempre só e sempre com o mesmo curioso comportamento.

Na tarde que tenho em mente, tinha tocado uma banda militar. Eu estava sentado numa das mesinhas que o Café Florian espalha pela praça e quando, após o fim do concerto, a multidão compacta, que até aí se agitara de um lado para o outro, começou a dispersar, o desconhecido, sorrindo com o ar distraído de sempre, ocupou uma mesa que ficara livre perto de mim.

O tempo passava, em volta tudo ficava cada vez mais calmo e, em breve, havia mesas vazias por todo o lado. Mal se via alguém atravessar por ali; pairava sobre a praça uma paz majestosa, o céu cobrira-se de estrelas e, por cima da sumptuosamente teatral fachada de San Marco, erguia-se a meia-lua.

Eu lia o meu jornal, enquanto estava de costas voltadas para o meu vizinho, e tinha até intenção de o deixar só quando me vi forçado a virar-me um pouco para ele, pois, enquanto até agora nem sequer tinha captado o ruído de um movimento seu, de súbito, ele começou a falar.

— Está em Veneza pela primeira vez, cavalheiro? — perguntou ele em mau francês. E quando me esforçava por lhe responder em língua inglesa, ele continuou a falar em alemão, sem qualquer sotaque, numa voz baixa e rouca, que ele procurava aclarar, pigarreando.

— O senhor está a ver tudo isto pela primeira vez? Corresponde às suas expectativas? Excede-as até, talvez? Ah! O senhor não tinha imaginado isto tão bonito! É verdade? O senhor não diz isso só para parecer feliz e digno de inveja? Ah!

Recostou-se, observando-me com piscadelas breves e uma expressão facial totalmente inexplicável.

A pausa que se seguiu prolongava-se e, sem saber como esta estranha conversa iria prosseguir, estava de novo na disposição de me levantar, quando ele se inclinou, apressado, para a frente.

— Sabe, cavalheiro, o que isto é: a desilusão? — perguntou ele em voz baixa e insistente, enquanto se apoiava na bengala com ambas as mãos. — Não um fracasso, um malogro em pequena escala, antes a grande e geral desilusão, a desilusão que tudo, toda a vida nos prepara? Decerto o senhor não a conhece. Eu, porém, desde a juventude que ando com ela e foi ela que me transformou num ser solitário, infeliz e um pouco estranho, não o nego.

Como há de o senhor entender-me já? Mas talvez o senhor, se me é permitido pedir-lhe, possa escutar-me durante dois minutos, pois se puder ser contado, depressa o será...

Deixe-me referir que cresci numa cidade bastante pequena, em casa de um pastor, em cujas divisões excessivamente asseadas dominava um otimismo erudito, antiquado e patético, e onde se respirava uma atmosfera típica da retórica de púlpito, daquelas grandes palavras para designar o Bem e o Mal, o Belo e o Feio, que tão amargamente detesto, talvez porque a elas, e só a elas, caiba a culpa do meu sofrimento.

Para mim, a vida consistia simplesmente em grandes palavras, pois delas eu nada sabia, a não ser a noção desmedida e irreal que estas palavras despertavam em mim. Das pessoas, eu esperava o bem divino e o medonho diabólico; da vida, esperava a beleza encantadora e o abominável, e dominava-me uma ânsia por tudo isto, um profundo e angustioso anseio pela realidade distante, pela vivência, qualquer que fosse o tipo, pela felicidade inebriantemente magnífica e pelo sofrimento indizível, insuspeitadamente terrível.

Lembro-me, cavalheiro, com uma triste nitidez, da primeira desilusão da minha vida e peço-lhe para notar que não consistiu, de modo algum, no malogro de uma bela esperança, mas na entrada de uma infelicidade. Era eu ainda uma criança, quando deflagrou um incêndio, durante a noite, na minha casa paterna. O fogo propagara-se de forma insidiosa e pérfida até que, à porta do meu quarto, todo o andar tinha ardido, e também a escada não estivera longe de pegar

fogo. Eu fui o primeiro a dar conta e sei que corri pela casa enquanto gritava aos outros: «Está a arder! Está a arder!» Recordo-me desta frase com grande precisão, e sei também qual o sentimento que lhe estava na base, embora nessa altura mal pudesse ter dele consciência. É isto, estou então a viver isto, um incêndio! Não é pior do que isto? Isto é tudo?...

Deus sabe que não se tratou de uma ninharia. Toda a casa ardeu, todos nós, com esforço, nos salvámos de um enorme perigo e eu próprio fiquei com ferimentos bastante consideráveis. Seria também incorreto dizer que a minha fantasia tinha antecipado o acontecimento e pintado um incêndio da casa paterna de forma mais medonha. Mas uma vaga suspeita, uma representação informe de algo ainda mais hediondo tinha vivido em mim e, em comparação com aquilo, a realidade parecia-me esbatida. O incêndio foi a minha primeira grande vivência; com ele se frustrou uma terrível esperança.

Não receie que eu continue a narrar-lhe as minhas desilusões, uma a uma. Contento-me em dizer-lhe que alimentava, com desditoso fervor, as minhas grandiosas expectativas da vida através de milhares de livros, através das obras dos poetas. Ah, aprendi a odiá-los, a estes poetas, que escrevem as suas grandes palavras em todas as paredes e, com um cedro mergulhado no Vesúvio, prefeririam pintá-las no firmamento. Enquanto eu não posso deixar de sentir todas essas grandes palavras como mentira e sarcasmo!

Poetas arrebatados proclamaram-me que a língua era pobre, ah, era pobre. Oh não, cavalheiro! A língua, creio eu, é rica, é fecundamente rica, em comparação com a mesquinhez e as limitações da vida. A dor tem os seus limites: o corporal, na impotência; o espiritual, na estupidez — com a felicidade não é diferente! A necessidade humana de compaixão, porém, encontrou sons que ultrapassam estes limites com mentiras.

Será que é de mim? Será que só a mim o efeito de certas palavras percorre a medula, de forma a despertar em mim o anseio por vivências que não existem de todo?

Saí para a famosa vida, cheio desta avidez de uma, uma só, vivência que correspondesse aos meus grandes anseios. Deus me ajude,

pois tal não me coube em sorte! Tenho deambulado, a fim de visitar as mais enaltecidas regiões da terra, a fim de me associar perante as obras de arte, em torno das quais a humanidade dança com as grandes palavras; fiquei parado diante delas, dizendo para mim próprio: É bonito. E, no entanto, não há mais bonito do que isto? Isto é tudo?

Não tenho nenhum sentido dos factos; talvez isto diga tudo. Uma vez, algures no mundo, estive na montanha, à beira de um profundo e estreito desfiladeiro. As escarpas eram nuas e a pique e, lá em baixo, a água rugia ao passar por cima das rochas. Olhei para baixo e pensei: Como seria se eu me despenhasse daqui abaixo? Mas eu já tinha experiência suficiente para responder a mim próprio: se tal acontecesse, haveria de dizer para comigo durante a queda: Então estás a despenhar-te, então isso é um facto! Mas o que é isso, afinal?

O senhor quer acreditar que já vivi o suficiente para ter um pouco de autoridade? Há anos, amei uma rapariga, um ser terno e gracioso que eu, de bom grado, teria conduzido pela minha mão e sob a minha guarda; mas ela não me amava, não era de admirar, e um outro foi autorizado a guardá-la... Existe algo mais atroz do que este pungente tormento, que está terrivelmente misturado com a volúpia? Passei muitas noites de olhos abertos, e mais triste, mais aflitivo do que tudo o resto, era sempre o pensamento: É isto a grande dor? Estou então a vivê-la! — Mas o que é isso, afinal?

Será necessário que lhe fale também da minha felicidade? Pois que também vivi a felicidade, também a felicidade me desiludiu... Não é necessário, pois tudo isto são exemplos grosseiros que não irão esclarecer o senhor quanto ao que a vida é, ao fim e ao cabo, a vida no seu decurso medíocre, desinteressante e fosco, que me desiludiu, desiludiu, desiludiu.

«O que é», escreveu o jovem Werther uma vez, «o homem, o enaltecido semideus? Não lhe faltam, de facto, as forças quando ele delas mais precisa? E quando ele se eleva em júbilo ou se afunda em sofrimento, não é detido em ambos os casos, precisamente nessas alturas trazido de volta à consciência embotada, fria, uma vez que ele anseia perder-se na plenitude do infinito?»

Penso muitas vezes no dia em que vislumbrei o mar pela primeira vez. O mar é grande, o mar é imenso, o meu olhar vagueava pela

praia fora e esperava ser libertado: mas lá ao fundo, porém, estava o horizonte. Por que razão tenho eu um horizonte? Da vida, eu esperei o infinito.

Acaso será mais estreito, o meu horizonte, do que o das outras pessoas? Disse que me falta o sentido dos factos — acaso terei esse sentido em demasia? Desisto cedo de mais? Acabo depressa de mais? Será que conheço a felicidade e a dor apenas nos graus mais baixos, apenas no estado rarefeito?

Não acredito; e não acredito nas pessoas, acredito muito menos nas que, em relação à vida, se associam às grandes palavras dos poetas — é cobardia e mentira! De resto, o cavalheiro já reparou que há pessoas que são tão vaidosas e tão ávidas de apreço e da secreta inveja dos outros, que alegam ter vivido apenas as grandes palavras da felicidade, mas não as do sofrimento?

Está escuro e o senhor já mal me ouve; por isso, quero admitir, uma vez mais, que também eu, eu próprio, tentei em tempos mentir como estas pessoas, para me apresentar, diante de mim e dos outros, como feliz. Mas há já muitos anos que essa vaidade se desmoronou, transformando-me num ser solitário, infeliz e um pouco estranho, não o nego.

É minha ocupação preferida observar o céu estrelado à noite, pois não será essa a melhor forma de me abstrair da terra e da vida? E será talvez perdoável que eu me empenhe em pelo menos conservar as minhas ideias? Sonhar com uma vida liberta, na qual a realidade se abra nas minhas grandes ideias sem o tormentoso resto da desilusão? Com uma vida em que já não exista nenhum horizonte?...

Sonho com isso e aguardo a morte. Ah, já a conheço tão bem, a morte, esta derradeira desilusão! É isto a morte? hei de dizer para mim mesmo no último instante; estou então a vivê-la! — *Mas o que é isso, afinal?*

Mas arrefeceu aqui na praça, cavalheiro; estou em condições de o sentir, he! he! Apresento-lhe os meus melhores cumprimentos. *Adieu...*

O PEQUENO SENHOR FRIEDEMANN

I

A culpa foi da ama. De que serviu que, à primeira suspeita, a esposa do Cônsul Friedemann a tivesse seriamente instado a reprimir tal vício? De que serviu que, para além da nutritiva cerveja, ela lhe tivesse prescrito um copo de vinho tinto diariamente? Depressa se verificou que esta rapariga se dignava até a beber o álcool etílico que devia ser utilizado no fogão e, antes que se tivesse encontrado uma substituta, antes que se tivesse podido mandá-la embora, a desgraça aconteceu. Quando um dia a mãe e as suas três filhas já meio crescidas voltavam de uma saída, o pequeno Johannes, com cerca de um mês de idade, encontrava-se caído no chão, aos pés da mesa onde o vestiam, com um gemido terrivelmente ténue, enquanto a ama ali estava ao pé, aparvalhada.

O médico, que examinava os membros do pequeno ser tolhido e trémulo com cautelosa firmeza, fazia uma cara muito, muito séria, as três filhas estavam a um canto a soluçar e a Sr.ª Friedemann, na sua angústia, rezava em voz alta.

Ainda antes do nascimento da criança, a pobre senhora recebera a notícia de que o marido, o Cônsul holandês, fora ceifado por uma doença tão súbita quanto violenta, e encontrava-se ainda demasiado quebrada para alimentar a esperança de que o pequeno Johannes pudesse manter-se junto dela. Só dois dias depois o médico lhe explicou, com um gesto de mão animador, que, de certeza, já não havia perigo imediato, que o ligeiro traumatismo craniano, antes de mais,

estava completamente sarado, o que já se podia ver no olhar, que já não apresentava, de modo algum, a expressão parada como de início... Claro que ainda era preciso aguardar, de resto, para se ver como a coisa iria desenrolar-se — e esperar o melhor, como quem diz, esperar o melhor...

II

A casa cinzenta de empena, na qual Johannes Friedemann cresceu, ficava junto da porta norte da antiga cidade comercial, de tamanho médio. Pela porta principal, entrava-se para um amplo vestíbulo guarnecido de ladrilhos, donde se subia para os pisos superiores por uma escada com corrimão de madeira pintado de branco. As tapeçarias da sala de estar, no primeiro andar, apresentavam paisagens desbotadas e, em torno da pesada mesa de mogno com a coberta de pelúcia vermelha escura, havia cadeiras de costas altas.

Era aqui, na infância, que ele se sentava muitas vezes à janela, diante da qual se exibiam sempre lindas flores, num pequeno escabelo aos pés da mãe e, enquanto lhe observava os cabelos grisalhos e lisos e o rosto meigo e bondoso e respirava o suave aroma que sempre emanava dela, escutava porventura uma história maravilhosa. Ou pedia que lhe mostrassem o retrato do pai, um senhor simpático, de suíças grisalhas. Estava no céu, dizia a mãe, à espera de todos eles.

Atrás da casa havia um pequeno jardim onde, durante o verão, era costume passar-se uma boa parte do dia, não obstante o cheiro adocicado que pairava quase sempre, vindo de uma refinaria de açúcar próxima. Erguia-se ali uma velha e nodosa nogueira e, à sua sombra, sentava-se muitas vezes o pequeno Johannes, num banquinho de madeira, a partir nozes, enquanto a Sr.ª Friedemann e as três filhas já crescidas se reuniam num toldo de lona cinzenta. A mãe, porém, levantava muitas vezes os olhos do trabalho que tinha em mãos, dirigindo-o para o filho com melancólica ternura.

Não era bonito o pequeno Johannes e, como se acocorava no escabelo, com o alto peito pontiagudo, as costas bem salientes e os

braços demasiado compridos e magros, oferecia uma visão deveras estranha. As mãos e os pés, no entanto, eram delicados e pequenos e tinha uns olhos grandes, cor de veado, uma boca de contornos suaves e cabelo fino, castanho luminoso. Embora o rosto assentasse tão deploravelmente entre os ombros, quase se podia dizer que era bonito.

III

Quando tinha sete anos, mandaram-no para escola e assim se passaram os anos, depressa e sem sobressaltos. Todos os dias, com o modo de andar estranhamente emproado que é, muitas vezes, próprio dos aleijados, deambulava desde as casas de empena até ao velho edifício da escola de abóbadas góticas, passando pelas lojas; e em casa, quando já tinha os trabalhos feitos, lia talvez os seus livros de lindos frontispícios coloridos ou entretinha-se no jardim, enquanto as irmãs tratavam da lida da casa, no lugar da mãe adoentada. Elas também faziam visitas, pois os Friedemann pertenciam ao meio mais importante da cidade; mas, infelizmente, ainda não se tinham casado, visto a sua fortuna até nem ser grande e elas serem bastante feias.

Johannes recebia igualmente, de vez em quando, um convite de crianças da sua idade, mas ele não sentia grande alegria no convívio com elas. Não conseguia participar nas suas brincadeiras e, dado que elas mantinham sempre uma reserva constrangida em relação a ele, não se podia chegar a estabelecer uma camaradagem.

Chegou o tempo em que, no recreio, ele ouvia, muitas vezes, falar de certas experiências; ouvia, atento e de olhos muito abertos, enquanto eles falavam dos seus entusiasmos por esta ou aquela rapariga e ficava calado. Estas coisas, dizia para si próprio, de que os outros, pelos vistos, estão completamente cheios, faziam parte daquelas para as quais ele não era dotado, como a ginástica ou os jogos de bola. Isso deixava-o muitas vezes triste; mas, afinal, já estava habituado, desde sempre, a estar só e a não partilhar dos interesses dos outros.

Mesmo assim aconteceu — contava ele então dezasseis anos — sentir uma súbita afeição por uma rapariga da mesma idade. Era irmã de um colega de turma, uma criatura loira, divertida e alegre, tendo-a conhecido através do irmão. Experimentava uma estranha angústia ao pé dela, e a forma tímida e forçadamente afável com que ela também o tratava enchia-o de profunda tristeza.

Numa tarde de verão, andava ele a passear pelo valado fora da cidade, ouviu cochichar atrás de um arbusto de jasmim e pôs-se cuidadosamente à escuta por entre os ramos. No banco que lá havia, estava sentada a tal rapariga ao lado de um rapaz esguio e de cabelo ruivo, que ele conhecia muito bem; ele tinha o braço à volta dela e dava-lhe um beijo nos lábios, que ela retribuía entre risinhos. Ao ver isto, Johannes Friedemann deu meia volta e afastou-se dali em silêncio.

A cabeça afundava-se entre os ombros mais do que nunca, as mãos tremiam-lhe, e uma dor aguda, opressiva, subia-lhe do peito até à garganta. Mas ele reprimiu-a e, decidido, endireitou-se, tanto quanto lhe era possível. «Pois bem», disse para si próprio, «acabou-se. Nunca mais quero preocupar-me com tudo isto. Aos outros é-lhes concedido felicidade e alegria, mas a mim só me conseguem trazer desgosto e sofrimento. Estou farto. Para mim acabou. Nunca mais.»

A resolução fê-lo sentir-se bem. Renunciava, renunciava para sempre. Foi para casa pegar num livro ou tocar violino, o que tinha aprendido a fazer não obstante o peito deformado.

IV

Aos dezassete anos deixou a escola a fim de se tornar comerciante, como toda a gente do seu meio, e entrou no negócio de madeiras do Sr. Schlievogt, lá em baixo, junto ao rio, como aprendiz. Tratavam-no com indulgência e ele, por seu lado, era simpático e amável, e o tempo decorria em paz e em ordem. No seu vigésimo primeiro ano de vida, porém, faleceu-lhe a mãe, após longo sofrimento.

Para Johannes Friedemann foi uma enorme dor, que ele há muito aguardava. Apreciava esta dor, entregava-se-lhe como quem se entrega a uma enorme felicidade, cultivava-a com milhares de recordações de infância e explorava-a como a sua primeira experiência marcante.

Não é a vida em si mesmo algo de bom, independentemente da forma sob a qual se nos apresenta, para que possamos designar de «feliz»? Johannes Friedemann sentia isso e amava a vida. Ninguém compreende com que zelo interior ele, que tinha renunciado à maior felicidade a que se pode aspirar, sabia apreciar as alegrias que lhe eram acessíveis. Um passeio lá fora, na primavera, nos parques fora da cidade, o aroma de uma flor, o canto de uma ave — não podia uma pessoa sentir-se grata por tais coisas?

E que a educação fazia parte da capacidade de apreciar, sim, que a educação se comparava sempre à capacidade de apreciar, também sabia ele: e educava-se. Adorava música e assistia a todos os concertos que porventura se realizavam na cidade. Aos poucos e poucos, ele próprio chegou a tocar violino, e não muito mal, embora ficasse com um ar muitíssimo estranho, e alegrava-se com aqueles sons bonitos e suaves que conseguia obter. Com o tempo e através de muitas leituras, também tinha adquirido um gosto literário que ele não partilhava de bom grado com ninguém da cidade. Estava informado sobre os mais recentes fenómenos de dentro e de fora do país, sabia apreciar o encanto rítmico de um poema, deixar atuar em si o ambiente intimista de uma novela bem escrita... oh! Quase se podia dizer que ele era um epicurista.

Aprendeu a perceber que tudo é digno de ser apreciado e que é quase insensato distinguir as experiências felizes das infelizes. Acolhia de bom grado todas as suas sensações e disposições e acalentava-as, tanto as sombrias como as divertidas: até mesmo os desejos não satisfeitos — o *anseio*. Amava-as por si, dizendo para consigo que, com a satisfação, se desvanecia o melhor. Não será mais aprazível o doce, dorido e vago anelo e expectativa de uma noite de primavera do que toda a satisfação que o verão consegue trazer? — Sim, ele era um epicurista, o pequeno Sr. Friedemann!

É claro que não o sabiam as pessoas que o cumprimentavam na rua com aquele modo compassivamente afável, a que ele desde sempre estivera habituado. Não sabiam que este infeliz aleijado, que marchava pela rua com a sua cómica importância, de *paletot* claro e reluzente chapéu alto, era, curiosamente, um pouco vaidoso, amava, com ternura, a vida que por ele passava devagar, sem grandes afetos, mas cheia de uma felicidade calma e suave, que ele sabia criar para si próprio.

V

A principal afeição, porém, do Sr. Friedemann, a sua verdadeira paixão, era o teatro. Possuía uma sensibilidade dramática extraordinariamente forte e, perante um impetuoso efeito cénico, a catástrofe de uma tragédia, todo o seu corpo podia estremecer. Tinha o seu lugar reservado na primeira fila do teatro, que frequentava regularmente e, de vez em quando, acompanhavam-no as suas três irmãs. Desde a morte da mãe, só elas, por si e pelo irmão, tomavam conta da velha casa, cuja posse partilhavam com ele.

Continuavam, infelizmente, a não ser casadas; mas há muito que se encontravam naquela idade em que uma pessoa se resigna, pois a Friederika, a mais velha, levava dezassete anos de avanço ao Sr. Friedemann. Ela e a irmã Henriette eram um pouco esguias e magras de mais, enquanto a Pfiffi, a mais nova, era demasiado baixa e gorda. Esta tinha, de resto, uma maneira cómica de se agitar a cada palavra, ao mesmo tempo que ficava com os cantos da boca húmidos.

O pequeno Sr. Friedemann não se preocupava muito com as três raparigas, mas elas mantinham-se fielmente unidas e eram sempre da mesma opinião. Sobretudo quando ocorria um noivado entre os seus conhecimentos acentuavam, a uma só voz, que isso, sim, era *muito* encantador.

O irmão continuava viver com elas, mesmo depois de ter deixado o negócio das madeiras do senhor Schlievogt e se ter tornado independente, altura em que tomou conta de um pequeno negócio,

uma agência ou coisa do género, que não exigia demasiado trabalho. Tinha umas quantas divisões no piso térreo da casa, para que só às refeições tivesse de subir as escadas, pois, de vez em quando, sofria um pouco de asma.

Por altura do seu trigésimo aniversário, num claro e quente dia de junho, estava sentado, depois do almoço, no toldo cinzento do jardim com uma almofada nova que a Henriette lhe tinha feito, um bom charuto na boca e um bom livro na mão. De vez em quando, punha este de lado, escutava o agradável chilrear dos pardais, que estavam poisados na velha nogueira, e erguia o olhar para o limpo caminho de gravilha que conduzia à casa e para o relvado com os canteiros floridos.

O pequeno Sr. Friedemann não usava barba e o seu rosto quase que não se alterara; apenas os traços se tinham tornado um pouco mais acentuados. Usava o fino cabelo castanho-dourado, liso, penteado para o lado.

Numa altura em que deixou cair completamente o livro nos joelhos e, piscando os olhos, olhou para cima, para o céu azul e soalheiro, disse para si próprio: «São então trinta anos. Agora vêm talvez mais uns dez ou até vinte. Só Deus sabe. Hão de vir e passar calma e silenciosamente tal como os já idos, e eu cá os espero com paz de espírito.»

VI

Em julho do mesmo ano, deu-se uma mudança no comando da circunscrição militar, que deixou toda em gente em alvoroço. O senhor barrigudo e jovial que detivera o posto ao longo de muitos anos era muito estimado nos meios sociais, e era de mau grado que o viam partir. Deus sabe em que circunstâncias agora o Sr. Von Rinnlingen aqui chegava, vindo da capital. De resto, a troca até nem parecia ser má, pois o novo tenente-coronel, que era casado mas não tinha filhos, alugou uma vivenda muito espaçosa no subúrbio sul da cidade, donde se deduzia que ele planeava instalar-se ali. Em todo o caso, corria o rumor de que ele era extraordinariamente abastado,

e também se confirmava que trazia consigo quatro barcos de serviço, cinco cavalos de sela e de tiro, um landó e um carro ligeiro de caça.

Pouco depois da sua chegada, os senhores começaram a visitar as famílias ilustres e o seu nome andava em todas as bocas; mas o interesse principal não residia propriamente no Sr. Von Rinnlingen, mas na sua esposa. Os cavalheiros estavam estupefactos e, por enquanto, não tinham qualquer opinião; as senhoras, porém, discordavam, em absoluto, da maneira de estar e do carácter de Gerda von Rinnlingen.

— Que se sinta o ar da capital — manifestava a esposa do advogado Hagenström em conversa com Henriette Friedemann —, bom, isso é natural. Ela fuma, monta a cavalo, tudo bem! Mas o seu comportamento não é apenas livre, é folgazão, e também esta ainda não é a palavra certa... Repare, ela não é feia de todo, até se podia achá-la bonita e, no entanto, carece daquele encanto feminino, e ao olhar, ao sorriso, aos movimentos, falta-lhe tudo aquilo de que os homens gostam. Não é *coquette* e eu, Deus sabe bem, sou a última pessoa a não achar isso louvável; mas uma mulher jovem... ela tem vinte e quatro anos... pode deixar escapar o natural e gracioso poder de atração? Minha querida, eu não sou má-língua, mas sei o que digo: os nossos cavalheiros estão agora como que atordoados; vai ver que daqui a umas semanas eles vão afastar-se dela, completamente enfadados.

— Bem — disse a menina Friedemann —, ela é tratada primorosamente.

— Sim, o marido! — exclamou a Sr.ª Hagenström. — Como é que ela o trata? Havia de ver! Há de ver! Eu sou a primeira a defender que uma mulher casada, perante o sexo oposto, tem de ser reservada até certo ponto. Mas como é que ela se comporta perante o próprio marido? Ela tem um modo gélido de olhar para ele e de se lhe dirigir com um tom de comiseração, com um «Meu caro amigo», que me deixa indignada! Porque é preciso que uma pessoa *o* veja... correto, bem constituído, cavalheiresco, um quarentão magnificamente bem conservado, um oficial brilhante! Estão casados há quatro anos... minha querida...

VII

O local onde, pela primeira vez, foi dado ao pequeno Sr. Friedemann avistar a Sr.ª Von Rinnlingen, foi a rua principal onde ficavam quase exclusivamente as casas de comércio, e este encontro deu-se por volta do meio-dia, quando ele acabava de sair da Bolsa, onde tinha ido dar uma palavrinha.

Passeava-se, minúsculo e importante, ao lado do armazenista Stephens, um senhor extraordinariamente gordo e atarracado, de suíças arredondadas e sobrancelhas horrivelmente espessas. Ambos tinham chapéu alto e, por causa do calor intenso, levavam o *paletot* aberto. Falavam de política, enquanto batiam cadenciadamente com as bengalas no passeio; mas, quando tinham chegado mais ou menos a meio da rua, o armazenista Stephens disse, de súbito:

— O diabo me leve se não é a Rinnlingen que ali vem.

— Então estamos com sorte — disse o Sr. Friedemann com a sua voz aguda e algo estridente, olhando em frente, na expectativa. — É que ainda não a vi cara a cara. Ali temos o carro amarelo.

De facto, era o carro de caça amarelo que a Sr.ª Von Rinnlingen utilizava hoje, e era ela própria quem conduzia os dois elegantes cavalos, enquanto o criado ia sentado atrás, de braços cruzados. Ela vestia um casaco largo e bastante claro, e também a saia era clara. Sob o pequeno chapéu redondo de palha, com tiras castanhas de couro, soltava-se o cabelo louro-arruivado, que estava frisado por cima das orelhas, caindo num pesado carrapito sobre o pescoço. A cor da pele do rosto oval era branco-pálida e, no canto dos olhos castanhos, anormalmente próximos um do outro, alojavam-se sombras azuladas. Sobre o nariz pequeno mas bem desenhado, havia um pequeno conjunto de sardas que lhe ficava bem; não era possível saber se a boca era bonita, pois ela esticava e encolhia o lábio inferior ininterruptamente enquanto esfregava o lábio superior.

O armazenista Stephens cumprimentou com desusada deferência quando o carro passou e também o pequeno Sr. Friedemann levantou o chapéu enquanto olhava para a Sr.ª Von Rinnlingen, de olhos muito abertos e atentos. Ela baixou o chicote, acenou ao de

leve com a cabeça e prosseguiu devagar, observando as casas e as montras à direita e à esquerda.

Uns passos depois, o armazenista disse:

— Ela deu o seu passeio e agora vai para casa.

O pequeno Sr. Friedemann não respondeu, antes baixou o olhar, para o pavimento. Depois, de repente, olhou para o armazenista e perguntou:

— O que é que disse?

E o Sr. Stephens repetiu a sua perspicaz observação.

VIII

Três dias depois, Johannes Friedemann chegou a casa ao meio-dia, do seu passeio habitual. Às doze e trinta era servido o almoço e ele tencionava ir ainda uma meia hora para o seu *bureau,* que ficava logo à direita ao pé da porta, quando a criada atravessou o vestíbulo e lhe disse:

— Estão aí visitas, senhor Friedemann.

— Para mim? — perguntou ele.

— Não, lá em cima, com as senhoras.

— Mas quem são?

— O senhor tenente-coronel Von Rinnlingen e a esposa.

— Oh — disse o senhor Friedemann —, então eu vou...

E subiu as escadas. Lá em cima, atravessou o patamar, e já tinha a mão no puxador da grande porta branca, que dava para a «sala das paisagens», quando, de repente, se deteve, deu um passo atrás, fez meia volta e desceu devagar, tal como tinha subido. E embora estivesse completamente só, exclamou bem alto para os seus botões:

— Não, é melhor não...

Desceu para o seu *bureau,* sentou-se à secretária e pegou no jornal. Porém, um minuto depois, pousou-o e espreitou de lado, para a janela. Assim ficou sentado, até que a rapariga veio anunciar que o almoço estava servido; dirigiu-se então para a sala de jantar, onde

as irmãs já o aguardavam, e sentou-se na sua cadeira, sobre a qual se encontravam três livros de música. Henriette, que servia a sopa, disse:

— Sabes, Johannes, quem cá esteve?

— Quem? — perguntou ele.

— O novo tenente-coronel e a esposa.

— Ah, sim? Foram muito gentis.

— Pois foram — disse a Pfiffi, ficando com os cantos da boca húmidos. — Eu acho que os dois são pessoas muito simples.

— Em todo o caso — disse a Friedericke —, não devemos tardar em retribuir-lhes a visita. Proponho que lá vamos depois de amanhã, domingo.

— Domingo — disseram a Henriette e a Pfiffi.

— E tu vens connosco, Johannes? — perguntou a Friedericke.

— Evidentemente! — disse a Pfiffi, agitando-se. O Sr. Friedemann ignorou a pergunta por completo e comeu a sopa com uma expressão parada e ansiosa. Era como se estivesse, algures, à escuta de um qualquer ruído inquietante.

IX

Na noite seguinte, dava no teatro municipal o *Lohengrin* e todas as pessoas cultas lá estavam presentes. A pequena sala estava ocupada de alto a baixo e cheia de sons ciciados, cheiro a gás e perfumes. Mas todos os binóculos, tanto na plateia como nos balcões, estavam apontados para o camarote treze, logo à direita, junto do palco, pois hoje, pela primeira vez, tinha aparecido o Sr. Von Rinnlingen ao lado da esposa, tendo as pessoas a oportunidade de, minuciosamente, examinarem o casal.

Quando o pequeno Sr. Friedemann, no seu irrepreensível fato preto com reluzente peitilho branco bem saliente, entrou no camarote — o camarote treze — estremeceu à porta, fazendo um movimento com a mão em direção à testa e, durante um instante, as narinas abriram-se-lhe num espasmo. Mas depois deixou-se afundar no seu cadeirão, o lugar à esquerda da Sr.ª Von Rinnlingen.